
Larissa Sansour contra o aniquilamento da memória palestina¹

Rodrigo CASTRO²

Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, MG

RESUMO

Este artigo analisa as formas de aniquilação da memória palestina pelo Estado de Israel representadas nos filmes *No futuro eles comiam da melhor porcelana* e *In vitro*, de Larissa Sansour e Soren Lind, através das teorias decoloniais de intelectuais do sul-global (notadamente Achille Mbembe, Edward Said e Walter Dignolo) e dos estudos sobre memória de Michael Pollak e Ilan Pappé.

PALAVRAS-CHAVE: memória; Palestina; cinema; Larissa Sansour; decolonialidade

Olho para o mapa israelense de novo. Um grande parque, com o nome “Canadá”, cobre toda a extensão em que se localizavam essas cidades e aldeias. Fecho o mapa, ligo o motor do carro e sigo minha jornada ao longo da rodovia 50, sem enfrentar nenhum obstáculo dessa vez, e assim até chegar à via expressa.

(Adania Shibli)

As cidades e aldeias a que se refere Adania Shibli em *Detalhe menor* são todas palestinas: “Lifta, Alqástal, Ein-Kárim, Almáliha, Aljura, Abu-Chucha, Sarís, ‘Innaba, Jamzu e Deir-Taríf” (SHIBLI, 2021, p. 74) são algumas delas. Em comum, sofreram a devastação sionista para que, em seu lugar, fossem erguidas estradas, vias expressas, assentamentos israelenses para judeus, centros penitenciários e até mesmo parte do famoso Muro que delimita as regiões em que palestinas e israelenses estão autorizadas a frequentar: “[...] o fato é que mesmo os mapas que estão comigo, ou qualquer outro, não poderiam precisar onde estão as barreiras móveis nem atualizar em que ponto já está a construção do Muro, que continua motivando o fechamento de muitas estradas.” (SHIBLI, 2021, p. 71).

A busca da personagem de Shibli, uma autora palestina, é por um arquivo, uma memória, que a está atormentando desde que leu uma notícia em um jornal, numa manhã

¹ Trabalho apresentado no GP Cinema, XXIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando do Programa de Pós Graduação em Comunicação e Temporalidades da UFOP, email: rodrigo.forte@aluno.ufop.edu.br.

qualquer antes de ir trabalhar. Ela precisa bolar um plano para alcançar o Arquivo Central do Exército, na cidade de Jaffa³. Enquanto viaja, suas memórias se misturam com a que ela procura obsessivamente: o assassinato de uma garota árabe em 1949, quando Israel conquistava sua independência e o reconhecimento da autonomia de seu Estado judeu-sionista às custas da limpeza étnica palestina, conforme conceitua o historiador Ilan Pappé:

[...] limpeza étnica é um esforço para deixar homogêneo um país de etnias mistas, expulsando e transformando em refugiados um determinado grupo de pessoas, enquanto se destroem os lares dos quais elas foram enxotadas. [...] Mais tarde, os expulsos são apagados da história oficial e popular do país e extirpados da memória coletiva. (PAPPÉ, 2016, p. 23)

Ao trazer o conceito de “limpeza étnica”, Pappé, assim como a personagem de Shibli, também recorreu aos arquivos das Forças de Defesa de Israel, e seu livro, *A limpeza étnica da Palestina* enfrenta o período de formação do Estado de Israel a partir do conceito, trazendo à documentos do próprio Estado que comprovam os objetivos da criação de uma nação judia:

Quando criou seu Estado-nação, o movimento sionista não travou uma guerra que “trágica, mas inevitavelmente” levou à expulsão de “partes” da população nativa, ao contrário: o objetivo principal era a limpeza étnica de toda a Palestina, que o movimento cobiçava como seu novo estado. (PAPPÉ, 2016, p. 18)

As mudanças na geografia palestina trazem à personagem momentos de confusão e medo, já que sua mente se lembrava de um certo território que já não existe mais:

[...] depois da barreira⁴, minha confiança desaparece, porque não sei onde estou de novo! Eu não sei se alguma vez na vida já havia passado nesta estrada, como pensei de início. É que o que era familiar para mim até alguns anos atrás era uma estrada estreita e sinuosa, mas esta é muito larga e reta. Além disso, há, em ambos os lados, parede de cinco metros de altura, seguidas por muitos edifícios agrupados em assentamentos que não existiam antes ou eram quase invisíveis; em contraste, as aldeias palestinas que ali estavam desapareceram em grande parte. (SHIBLI, 2021, p. 73)

Essas memórias confusas, criadas pela própria mente ou implantadas através da herança cultural, dos arquivos oficiais e não-oficiais, pessoais ou coletivas, são também

³ Desde 1950, apenas dois anos após a *Nakba*/independência de Israel, Jaffa integra a municipalidade de Tel-Aviv, considerada a capital econômica de Israel, e é uma cidade que requer autorizações especiais para que palestinas possam frequentar seu território. Disponível em: < <https://www.jewishvirtuallibrary.org/jaffa>>.

⁴ As barreiras são pontos de controle das Forças de Defesa de Israel (IDF, em inglês), que checam as identidades das pessoas que atravessam as fronteiras no território ocupado. Este tipo de ocupação israelense foi recentemente chamado de “estado de apartheid”. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2022/03/25/relator-especial-da-onu-para-direitos-humanos-chama-israel-de-estado-de-apartheid>>.

o tema central das obras de Larissa Sansour e Soren Lind, *No futuro, eles comiam da melhor porcelana* (2015) e *In vitro* (2019), ambas curtas-metragens ambientados na Palestina. A busca das personagens centrais de cada filme não difere, em seu objetivo, da mulher de Shibli em “Detalhe menor”; a forma, contudo, é sensivelmente diferente, já que os filmes são atravessados pela experiência de Larissa Sansour, ela mesma uma palestina exilada no Reino Unido e impedida de retornar a sua terra natal, Jerusalém, hoje um território ocupado por Israel.

O que pretendemos neste artigo é analisar as formas como Larissa Sansour representa as diversas tentativas de aniquilação da memória de seu povo - e quais soluções ela aponta dentro das narrativas fílmicas - considerando sua experiência como uma palestina exilada. Além dos conceitos de decolonialidade e orientalismo presentes nas obras de Walter Mignolo, Nelson Maldonado-Torres, Achille Mbembe e Edward Said, usaremos as ideias de “memória subterrânea” que Michael Pollak traz como contraponto à “memória oficial/nacional” e sua importância para reimaginar possibilidades de futuros diferentes das apresentadas pelo processo colonial em curso.

MEMÓRIA ANIQUILADA E INVENÇÕES DE FUTURO

In vitro é um filme de 2019, dirigido por Larissa Sansour e Soren Lind - seu companheiro em boa parte de sua produção audiovisual. Sua trama gira em torno do encontro de uma mãe e sua filha, sem identificação por nomes próprios, em que discutem memória e trauma (palestinos, ainda que também não identificados) a partir da ocupação de Belém. *No futuro eles comiam da mais fina porcelana* é de 2015, também dirigido pela dupla. O filme se passa numa sessão de terapia de uma mulher que se autodenomina uma “terrorista-narrativa”, forma pela qual passamos a identificá-la neste artigo. Durante a sessão, ela explica como pretende manipular a história em curso de seu povo (palestino, também não identificado explicitamente no filme) ao enterrar artefatos típicos no solo como prova da existência deste povo.

Falar em aniquilamento da memória palestina requer compreender o processo de colonização da Palestina que se estende desde 1948, quando, em 15 de maio, Israel declarou sua independência como Estado soberano⁵. A conquista da independência

⁵ A independência de Israel é fruto do projeto sionista de encontrar um território para o povo judeu, que se estendeu durante o fim do século XIX, e da Resolução 181 da ONU, em 1947, criando um Estado bipartido entre árabes e judeus, com a maior parte do território destinada ao projeto sionista (BARAT, CHOMSKY & PAPPÉ, 2015; PAPPÉ, 2016; MISLEH, 2019).

conclui, então, uma importante etapa do projeto sionista de ocupar um território exclusivo para judeus - um processo que se arrastava pelo menos desde o final do século XIX, quando o sionismo ganha importância como uma ideologia que, nas palavras do historiador Ilan Pappé, deseja, a partir do Judaísmo como um movimento nacional, ter o máximo do território palestino com o mínimo possível de pessoas palestinas vivendo nele (BARAT; CHOMSKY; PAPPÉ, 2015, p. 51).⁶

Porém, o que Israel considera sua independência, para os árabes palestinos é *al Nakba*, a Catástrofe cujas consequências ainda hoje marcam as relações entre os dois países⁷, e que começou com o fim da Segunda Guerra Mundial e a partilha do território a partir da Resolução 181 da Organização das Nações Unidas. Até então, a Palestina era governada pelo Mandato Britânico:

Assim que a Inglaterra partiu, os Estados Unidos reconheceram o Estado de Israel. Dois dias depois, foi a vez da União Soviética. Na sequência, mais países deram esse passo. As consequências para os palestinos não foram levadas em conta. Naquele momento, dois terços da população árabe local foram deslocados. Embora houvesse dezenas de observadores da ONU, conforme Pappé, eles nada fizeram a respeito. Exceção ao emissário Conde Folke Bernadotte, que propôs a revisão da divisão do país em duas partes e o retorno incondicional dos refugiados palestinos. Tendo chegado à Palestina em 20 de maio de 1948, foi assassinado por “terroristas judeus” em setembro do mesmo ano. (MISLEH, 2017, p. 64)

A independência era uma etapa fundamental do projeto sionista tanto quanto ainda o é o processo de colonização do território. Israel é um Estado que se baseia no direito natural e religioso para definir quem são suas cidadãs. Assim, não basta ter nascido no território, mas também ser judeu. E para que o projeto colonial tenha sucesso, é preciso, nas palavras de Achille Mbembe, iniciar uma “*luta até a morte*”, ou seja, uma luta perpétua de subjugação do povo colonizado, cuja violência assume diversas facetas, simbólicas e não-simbólicas:

É esta relação originária de força, a principal relação de qualquer confronto que a administração civil e a polícia se esforçam por transformar em relação social permanente e, no fundo, imprescindível em qualquer instituição colonial de poder. Por tal razão, Fanon diz que a violência não é apenas consubstancial à opressão colonial. A duração no tempo de tal sistema, por si estabelecido na

⁶ No original: “Zionism is a set of ideas that inspires people to certain things and act in accordance to them. [...] I’m interested in Zionism as an ideology that has an impact on people’s lives on the ground. As such, it is an ideology, and has been, since almost the beginning of the Zionist project in Palestine, that meant, in very simple terms, that Judaism as a national movement has the right and the aspirations to have as much of Palestine as possible with as few Palestinians in it as possible. Such a reality was determined as a precondition for creating new Jewish life.” (BARAT; CHOMSKY; PAPPÉ, 2015, p. 50-51)

⁷ Diferentemente de Israel, a Palestina não é um Estado soberano, ainda que seja reconhecido como território autônomo por diversos países. Nós seguimos o princípio da autodeterminação dos povos, e por isso a Palestina é tratada neste artigo como um Estado.

violência, é, explica ele, <<função da manutenção da violência>>. (MBEMBE, 2018, p. 182-183)

O tempo, como se percebe, é um marcador crucial da colonialidade. Quando da modernidade europeia, ao ser traduzido como valor de experiência, e não mais apenas como valor de cálculo da passagem temporal, o tempo se transformou num ícone da diferenciação da experiência colonial:

El ‘tiempo’ se volvió un concepto fundamental en la colonialidad en general. El presente se describió como moderno y civilizado; el pasado como tradicional y bárbaro. Mientras más fueras hacia el pasado, más te acercabas a la naturaleza.⁸ (MIGNOLO, 2019, p. 83).

Em *In vitro*, o tensionamento temporal se dá mais explicitamente nas preocupações da Filha, que sabe de sua condição de herdeira da Mãe, mas não aceita tão facilmente sua condição de arquivo.

Por um lado, então, Mignolo escreve sobre como o tempo foi utilizado como marcador da diferença colonial, da diferença entre o mundo “civilizado” e o mundo “bárbaro”; por outro, Larissa Sansour nos mostra como o resgate da história é importante na relação entre Mãe e Filha, já que esta é responsável pela transmissão da memória palestina, sob o risco de, em caso dessa Filha também não sobreviver, essa memória se perder dentro do processo sionista de colonização e destruição de Belém e demais cidades.

É importante ressaltar que Israel, ainda que geograficamente seja considerado um país oriental, está, conforme Soraya Misleh pontua em *Al Nakba — um estudo sobre a catástrofe Palestina*, ligado “cultural, moral e espiritualmente ao Ocidente.” (SHLAIM apud MISLEH, 2017, p. 31). Esta constatação não é à toa: “Diante de parceira estratégica para manter a hegemonia britânica sobre a região, lordes e banqueiros ingleses patrocinaram pessoalmente a imigração judaica para a Palestina.” (MISLEH, 2017, p. 39). Havia, e ainda há, interesses do Ocidente (notadamente a Europa, como Misleh deixa claro, e os EUA⁹ também) em criar e manter o Estado de Israel numa região estratégica, que liga o norte da África e o sudeste da Europa à Ásia.

⁸ “‘Tempo’ tornou-se um conceito fundamental na colonialidade em geral. O presente foi descrito como moderno e civilizado; o passado como tradicional e bárbaro. Quanto mais você ia ao passado, mais perto ficava da natureza.” (Tradução nossa).

⁹ As relações diplomáticas, militares, econômicas e sociais entre Israel e Estados Unidos da América são bem conhecidas. Um ponto em comum entre as duas nações, por exemplo, é o acordo quanto à não-implementação de um Estado único no território israelo-palestino, já que isso contraria os desejos de ambas as nações - Israel e EUA (BARAT, CHOMSKY & PAPPÉ, 2015, p. 108-109).

Este vínculo é importante pois, conforme nos mostra Sansour em seus filmes e a ideia de “diferença colonial” de Mignolo, Maldonado-Torres e outros pensadores decoloniais, a relação entre colonizador e colonizados se dá de forma desigual e violenta. Contra esse pensamento não está, na obra de Sansour, mais violência, mas sim uma espécie de *hackeamento* futurístico dessa ideologia colonial violenta, no caso de *No futuro...* (fig. 1) e o aterramento de artefatos palestinos, e um re-enraizamento que traga de volta do subsolo para onde foram empurradas as memórias palestinas, passadas de mãe para filha mas também celebradas através da fauna e da flora, no caso de *In vitro* (fig. 2), reelaborando o trauma do passado em uma possibilidade diferente de futuro para o povo antes massacrado pela colonização - algo parecido com o que Ecléa Bosi conta a Mozahir Salomão Bruck:

[...] o passado reconstruído não é um refúgio, mas uma fonte, um manancial de razões para lutar. Então, a memória deixa de ter aqui um caráter de restauração do passado e passa a ser a memória geradora do futuro: memória social, memória histórica e coletiva. Nós pesquisadores que recolhemos o passado sabemos que ele é um dos mais difíceis e misteriosos dos conceitos. O passado não é uma sucessão de fatos ou camadas que se vai escavando. A memória desconhece a ordem cronológica. Minha hipótese é que ela opera com grande liberdade, recolhendo fatos memorados no espaço e no tempo, não arbitrariamente - mas por que se relacionam através de índices de significação comum. São constelações de eventos mais intensas quando sobre elas incide o brilho de um significado coletivo. (BOSI, 2012, p. 198)

Figura 1 — Porcelanas palestinas depositadas no chão



Fonte: captura de tela de *No futuro, eles comem da melhor porcelana*

Figura 2 — Laboratório de experimentos da fauna e flora palestinas



Fonte: captura de tela de *In vitro*

RESPOSTAS À COLONIZAÇÃO

Mãe e Filha, em *In vitro*, são, a seu modo, respostas à colonização sionista. Manter a memória viva, transmitida através de novas gerações, é a principal preocupação da Mãe — ainda que sua filha não lide muito bem com a ideia de ser uma espécie de arquivo vivo fabricado artificialmente (conforme descobrimos no filme, esta é a terceira versão da Filha, a única que, segundo a Mãe, “chegou até aqui” — a única que sobreviveu o bastante para conseguir transmitir a mensagem da Mãe, sua memória). É a transmissão genética do trauma da *Nakba* que garante a sobrevivência da história do povo palestino. Essa transmissão não é apenas da relação mãe-filha, a mais óbvia no filme, mas também se dá na manutenção de um pomar repleto da flora e fauna típicas do território palestino (fig. 3), que faz com que a mãe, que está doente, se lembre como era sua vida antes da destruição da cidade. Pappé tem uma importante consideração sobre a relevância da natureza no processo de colonização israelense na Palestina:

Quando partiu para a criação de parques nacionais nos locais dos vilarejos palestinos erradicados, o FNJ¹⁰ tinha em suas mãos poder total sobre a decisão do que plantar. Quase já de saída, o órgão executivo do FNJ optou principalmente pelas coníferas, ao invés da flora nativa da Palestina. Em parte, era uma tentativa de fazer o país parecer europeu, embora isso não figure como objetivo em nenhum documento oficial. No entanto, de quebra, a escolha de plantar pinheiros e ciprestes - e isso foi declarado abertamente - buscava apoiar a incipiente indústria madeireira do país. (PAPPÉ, 2016, p. 262)

¹⁰ O Fundo Nacional Judeu - FNJ (em inglês, Jewish National Fund) é uma organização não-governamental sionista de Israel que atua essencialmente com conscientização ambiental no território palestino e israelense. Parte de suas ações inclui o plantio sistemático de árvores, geralmente não-nativas. Disponível em: <<https://www.jnf.org/>>.

Figura 3 — Olival



Fonte: captura de tela de *In vitro*

Uma das árvores-símbolo da Palestina é a oliveira, que pontua a paisagem de *In vitro* principalmente nos *flashbacks*. As oliveiras se transformaram em um símbolo da resistência palestina¹¹ contra a colonização sionista, já que são cultivadas há milhares de anos e invariavelmente são destruídas para dar lugar às coníferas e ciprestes de que fala Pappé ou simplesmente construções de assentamentos de colonos sionistas.

Manter a memória viva é a grande preocupação da Mãe, que não encontra muito apoio na nova versão da Filha. Ainda assim, ambas sabem que a sobrevivência de seu povo está ligada à sobrevivência das suas memórias. Não por acaso elas se escondem numa espécie de *bunker* no subsolo da cidade, de onde brotam suas lembranças e suas elaborações de um futuro diferente para a Palestina.

Neste sentido, o filme opera como um dispositivo de transmissão da história oral, trazendo à superfície, através de “enfeixamentos de linhas de enunciação, de luz e de subjetivação” (BRUCK; VARGAS, 2020, online), o que Michael Pollak chama de “memórias subterrâneas”, e que se coloca claramente ao lado da parte excluída pela narrativa oficial sionista¹²:

Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a

¹¹ Cerca 90 mil palestinos e palestinas vivem do cultivo de oliveiras; estima-se que o setor valha pelo menos 160 milhões de dólares em bons anos de colheita. Esta cultura é constantemente ameaçada pelas incursões colonialistas. Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/news/2021/10/14/infographic-palestines-olive-industry>>.

¹² É importante ressaltar que, no começo da colonização, e como forma de justificá-la, sionistas usavam um slogan simbolicamente muito violento, criado por Israel Zangwill, mas que deixava explícito como viam o território palestino como um espaço virgem, inabitado: “uma terra sem povo para um povo sem terra” (MISLEH, 2017, p. 31).

história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à “Memória oficial”, no caso a memória nacional. Num primeiro momento, essa abordagem faz da empatia com os grupos dominados estudados uma regra metodológica e reabilita a periferia e a marginalidade. Ao contrário de Maurice Halbwachs, ela acentua o caráter destruidor, uniformizador e opressor da memória coletiva nacional. Por outro lado, essas memórias subterrâneas que prosseguem seu trabalho de subversão no silêncio e de maneira quase imperceptível afloram em momentos de crise em sobressaltos bruscos e exacerbados. A memória entra em disputa. Os objetos de pesquisa são escolhidos de preferência onde existe conflito e competição entre memórias concorrentes. (POLLAK, 1989, online)

Já em *No futuro...*, a resposta à colonização é um tanto mais literal: a terrorista-narrativa, ao implantar artefatos de porcelana palestina em diversas partes do território israelense, subverte a lógica de ocupação espacial usada pelo Estado sionista, que usa a história dos povos semíticos e mistura religião com etnia para justificar a criação de um Estado exclusivo para judeus (BARAT; CHOMSKY; PAPPÉ, 2015). Assim, se atualmente Israel explica seu projeto expansionista na Palestina através de sítios arqueológicos - dentre outras explicações -, no filme a porcelana típica do povo palestino será usada como justificativa para demarcar a existência deste povo num futuro indeterminado, num esforço de salvaguardar a memória palestina que, atualmente, apenas a ficção tem dado conta de engendrar (fig. 4).

Figura 4 — A terrorista-narrativa enterra as porcelanas



Fonte: captura de tela de *No futuro, eles comem da melhor porcelana*

A ficção, aliás, é, conforme aponta Achille Mbembe, um dos modos de representar a violência colonial, tanto em sua função de terror quanto em sua função alucinatória - ou

seja, tanto a violência que se materializa através das pilhagens, dos assassinatos, dos expurgos, dos assentamentos etc., quanto a violência que se perpetua no imaginário através do trauma da própria colonização, em forma de símbolos, rituais etc. (MBEMBE, 2018). E um aspecto fundamental das ficções que encaram projetos de colonialidade é o tensionamento dos conceitos de *tempo*, conforme Mbembe:

[...] a crítica do tempo tal como se desenrola na ficção negra contemporânea ensina-nos igualmente que o tempo é sempre aleatório e provisório. Vai mudando indefinidamente, e as suas formas são sempre incertas. Consequentemente, representará sempre uma região heterogênea, irregular e fragmentada da experiência humana. Sendo assim, a relação do sujeito com o tempo é uma relação que não tenta, necessariamente, esquivar-se ao passado e ao futuro, mas pelo menos resgatá-los e subsumi-los. (MBEMBE, 2018, p. 209)

Ainda que esteja se referindo à “ficção negra”, já que sua análise tem como base a literatura diaspórica negra, Mbembe caracteriza um fator comum a toda obra de ficção que se desenvolve a partir dos diversos processos coloniais: a marcação do tempo cronológico moderno como paradigma civilizatório e que, ao fim, serviu como justificativa para os fins que tomou a colonização europeia na Ásia, na África e nas Américas. No caso dos árabes, Edward Said identificou o mesmo problema em “Orientalismo”:

[...] não tenho um Oriente “real” a defender. Tenho, contudo, enorme consideração pela fortaleza das pessoas daquela parte do mundo, bem como por seu esforço de continuar lutando por sua concepção do que são e do que desejam ser. As sociedades contemporâneas de árabes e muçulmanos sofreram um ataque tão maciço, tão calculadamente agressivo em razão de seu atraso, de sua falta de democracia e de sua supressão dos direitos das mulheres que simplesmente esquecemos que noções como modernidade, iluminismo e democracia não são, de modo algum, conceitos simples e consensuais que se encontram ou não, como ovos de Páscoa, na sala de casa. (SAID, 2007, p. 15)

Tanto em *No futuro...* quanto em *In vitro*, esses tensionamentos do tempo são perceptíveis. Suas personagens principais compreendem que, após a violência colonialista, o conceito de tempo se altera, e, mais que num sentido de retomada de uma pretensa normalidade do passado alterado pela colonização, é preciso compreender essa nova configuração temporal e criticá-la inclusive com ações contundentes, como é o caso da terrorista-narrativa manipulando o próprio tempo. Seu presente não é como o presente proposto pela modernidade ocidental — um espaço *entre* o passado e o futuro, como bem descreve Mbembe:

[...] O presente, enquanto presente, estende-se simultaneamente no sentido do passado e no do futuro ou, mais radicalmente, procura aboli-los. Assim, na escrita

de romance, é predominante um tempo que poderíamos chamar de paradoxal, porque nunca é plenamente um tempo presente sem, por isso, romper totalmente com o passado e o futuro. É um tempo com durações diferenciais, das quais as duas leis são a lei do deslocamento e a da simultaneidade (co-ocorrência). Será sempre no plural que o romance negro fala do tempo ou dos seus fluxos. A escrita romanesca está, assim, preocupada em descrever o processo de transmutação do tempo e, até, da acumulação dos tempos. (MBEMBE, 2018, p. 209-210, grifo do autor)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Larissa Sansour vive no Reino Unido. Natural de Jerusalém Oriental, na Palestina, sua terra, hoje, está ocupada pelas Forças de Defesa de Israel, e como diversas outras cidadãs e cidadãos palestinas, a cineasta está impedida de voltar para casa. Na Cisjordânia, por exemplo, uma das partes mais conflituosas do território israelense-palestino, conforme o mapa atual, três principais áreas delimitam as possibilidades de trânsito entre as localidades, sendo algumas delas completamente vedadas à população original palestina que foi expulsa quando da criação do Estado de Israel¹³. Assim, é através do cinema que ela deixa claro sua relação com a ocupação israelense em sua terra natal, num exercício crítico e de inconformidade com a colonialidade sionista:

[...] por trás da questão do significado do colonialismo e da descolonização, está o colonizado como um questionador e potencial agente. Isso é notavelmente diferente da posição esperada deles como entidades sub-humanas dóceis. A ordem das coisas no mundo moderno/colonial é tal que as questões sobre colonização e descolonização não podem aparecer, a não ser como mera curiosidade histórica. Espera-se que o colonizado ou ex-colonizado seja tão dócil quanto grato. Conotações patológicas específicas são dadas para diferentes corpos e diferentes práticas, dependendo do gênero específico, do sexo, da raça e de outros marcadores. (MALDONADO-TORRES, 2019, p. 33)

As três personagens de seus filmes analisados neste artigo são símbolos da resistência palestina à invasão sionista iniciada ainda no século XIX. Estes símbolos se materializam nas narrativas ficcionais distópicas de Sansour das mais variadas formas, ainda que com o mesmo objetivo: denunciar a violência da colonização israelense num território ocupado há milhares de anos por diversos povos, em especial árabes. Seja plantando oliveiras típicas da região, seja através da experiência genética de transmissão de memórias, ou até mesmo pela manipulação das cronologias enterrando artefatos no

¹³ As Áreas A, B e C seguem o II Acordo de Oslo, de 1995, que delimitou partes da Cisjordânia que estão sob controle de palestinos (a menor parte), israelenses-sionistas (a maior parte) e compartilhado. Disponível em: <<https://www.anera.org/what-are-area-a-area-b-and-area-c-in-the-west-bank/>>.

solo, todas as ações remetem a uma necessidade de impedir o que Ilan Pappé oportunamente chama de “memoricídio” palestino (PAPPÉ, 2016).

As obras de Sansour, partindo de sua própria experiência de vida, propõem uma reflexão para além da simples rememoração ou reelaboração do trauma palestino, uma reflexão que vai além de apenas apontar a necessidade de se discutir o tema - a colonização e tudo o que vem a reboque dela - superando os clichês orientalistas apontados por Said. Algo mais relacionado ao que Lina Meruane aponta nos momentos finais de suas memórias em *Tornar-se palestina*:

Com quem empatizar numa situação complexa poderia invalidar toda ação (o fim dos assentamentos ilegais) e deixar como única alternativa a deriva da vingança (a resistência palestina). Talvez seja preciso então suspender a fé nesse sentimento e voltar às implicações éticas do despejo. Recorrer a uma política até mesmo contraempática, baseada na análise das obrigações morais. (MERUANE, 2019, p. 185-186)

REFERÊNCIAS

ANERA. **What are Area A, Area B, and Area C in the West Bank?**. Disponível em <https://www.anera.org/what-are-area-a-area-b-and-area-c-in-the-west-bank/>.

BARAT, Frank; CHOMSKY, Noam; PAPPÉ, Ilan. The past - Noam Chomsky and Ilan Pappé. In: _____. **On Palestine**. Chicago: Haymarket Books, 2015.

_____. The future - Noam Chomsky and Ilan Pappé. In: _____. **On Palestine**. Chicago: Haymarket Books, 2015.

BOSI, Ecléa. Memória: enraizar-se é um direito fundamental do ser humano [entrevista a Mozahir Salomão Bruck]. **Revista Dispositiva**, 1(2), 2012, 196-199. Disponível em: <https://bit.ly/36OUquh>.

BRUCK, M. S., & VARGAS, H. (2020). Narrativas da memória como dispositivo: a Sirene e a luta contra o esquecimento. **MATRIZES**, 14(2), 289-306. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v14i2p289-306>.

JEWISH VIRTUAL LIBRARY. **Geography of Israel**: Jaffa. Disponível em: <https://www.jewishvirtuallibrary.org/jaffa>.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GOSFOGUEL, Ramón. **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. p. 27-54.

MBEMBE, Achille. O pequeno segredo. In: _____. **Crítica da razão negra**. São Paulo: n-1 edições, 2018. p. 185-227.

MIGNOLO, Walter. La descolonialidad en general: el tiempo y la diferencia colonial. In: _____. **El vuelco de la razón: la diferencia colonial y pensamiento fronterizo**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2019. p. 79-122.

MISLEH, Soraya - **Al Nakba** - Um estudo sobre a catástrofe palestina. São Paulo: Sundermann, 2017.

MERUANE, Lina. **Tornar-se palestina**. Belo Horizonte: Relicário, 2019.

IN VITRO. Direção de Larissa Sansour e Soren Lind. Reino Unido, Dinamarca e Catar: Iambic Dream Films e Spike Film and Video, 2019, vídeo, digital, son., color.

NO FUTURO, eles comiam da melhor porcelana. Direção de Larissa Sansour e Soren Lind. Reino Unido, Dinamarca e Catar: Iambic Dream Films e Spike Film and Video, 2015, vídeo, digital, son., color.

PAPPÉ, Ilan. **A limpeza étnica da Palestina**. São Paulo: Sundermann, 2016.

PEOPLES DISPATCH (25 mar. 2022), Relator especial da ONU para direitos humanos chama Israel de Estado de apartheid. **Brasil de Fato** [online], 12 parágrafos, disponível em <https://www.brasildefato.com.br/2022/03/25/relator-especial-da-onu-para-direitos-humanos-chama-israel-de-estado-de-apartheid>.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf.

SAID, Edward. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SHIBLI, Adania. **Detalhe menor**. São Paulo: Todavia, 2021.